

48 2



A



Terra

dos

Girassóis



Dilmar Antonio Messias



P E R S O N A G E M S

- IMACIO
- REBECA
- FULGÊNCIA
- DOCTOR
- AMADEU
- SUPER PALADINO
- GIRASSOES
- FADA SOL



QUADRO I

A Terra dos Girassóis. As residências de Dona Fulgência e do Doutor, uma em cada extremo, a de Rebeca ao meio. Alguns vasos vazios e o caldeirão de Rebeca.

INACIO - (Para o público) Alô, meus amiguinhos, sejam bem-vindos todos à Terra dos Girassóis, onde as flores acordam de dia e dormem à noite!

Chiquinho, Luízinha,
Mariazinha, Joázinho,
Eu vou lhes mostrar,
Esperem só um pouquinho,
As coisas que acontecer
Neste estranho lugar.
Então, prestem atenção,
Para melhor escutar.

Esta é a Terra dos Girassóis, um lugar onde acontecem as coisas mais estranhas. (Aparece Rebeca, que está acordando.) Sabem quem é aquela ali? É dona Rebeca, que quer ser fada mas não consegue porque para ser fada, é preciso fazer uma boa ação antes e o pessoal daqui não quer saber muito de boas ações. (Rebeca retira-se, dona Fulgência e o Doutor saem ao mesmo tempo, e cruzam-se no meio do palco, os dois não se cumprimentam, simplesmente trocam um olhar de indignação.) Estes dois aí são a dona Fulgência e o Doutor. Os dois não se dão muito bem, mas aliás, aqui ninguém se dá muito bem. Falta apenas o Amadeu. O Amadeu é um ...

REBECA - (Cortando) Inaciiii! Onde está você?

INACIO - (Para o público) Bah! Dona Rebeca está me chamando! Eu vou o que ela quer, com licença. (Para Rebeca) A senhora me chamou!

REBECA - Sim. Eu queria que fosse até a floresta e me trouxesses tres cogumelos e uma asa de coruja. (para si) Hoje eu tenho certeza que vou conseguir!

INACIO - O que?

REBECA - Fazer o Amadeu ficar jovem novamente e deixar de ser ranzinza e de brigar com nossos vizinhos.

INACIO - O que?

- REBECA - Ora! Fazer o Amadeu ficar moço outra vez. (Olha para Inácio - que está boquiaberto) Vamos, anda logo, e veja se não demora!
- INACIO - (Ri, faz uma reverencia e sai.) Está bem, eu não vou demorar, até logo, senhora dona Rebeca.
- REBECA - Até logo! (Pega a vassoura de guaxuma. Suspira.) Hoje sim eu vou conseguir, eu tenho certeza que vou. Só falta o Amadeu. Eu já sei um remédio para dona Fulgencia, para o Doutor. Dona Fulgencia deixará de fazer fofocas, o Doutor voltará a sorrir e Amadeu ficará moço e então a felicidade voltará a reinar nesta Terra. (Enxota alguns passos de dança) Hoje eu tive um sonho, um sonho maravilhoso. Sonhei com a Fada Sol entrando no meu quarto, toda vestida de luz e me disse tres vezes:
- Senhora Dona Rebeca
 Feiticeira sem maldade
 Ao acordar de um sonho
 Verá a felicidade
 Quando sentir o perfume
 Das flores se abrindo
 Terá grande alegria
 De ver todo mundo sorrindo.
 Quando sentir o perfume das flores se abri... (para assustada, olha para o vaso sem flores) Onde estão as flores? (olha para o outro vaso) Oh! Não! Desapareceram todas. Só podem ter sido roubadas. Inácio! Inácio! Venha depressa! Oh! meu Deus!! (Aparece Inácio correndo).
- INACIO - Já estou indo! Já estou indo!
- REBECA - Inácio, as flores! Onde estão as flores? Fomos roubados! (Inácio fica confuso)
- INACIO - Flores? Que flores? (Rebeca apontando para os vasos)
- REBECA - As flores dos vasos, Inácio!
- INACIO - Ah! Ah! Ah! do vaso) E, roubaram! (fica parado olhando o vaso)
- REBECA - Inácio! (Inácio assusta-se) Não fiques aí parado, procura os ladrões, anda!
- INACIO - Para onde eles foram?
- REBECA - Por ali (Inácio corre para o lado) Não! por aí não! Por lá! (Inácio vai para o outro lado) Não! Não foi por aí também! Oh! eu não sei para onde eles fugiram (chora)
- INACIO - Não sabe? Então como sabe que foram ladrões?
- REBECA - Não sei.



- INACIO - Então como quer que eu procure, se não sabe a quem procurar?
- REBECA - Eu só sei que eles desapareceram e que não podiam desaparecer. Sem as flores o sonho não vai te realizar.
- INACIO - Sonho? Que sonho?
- REBECA - Eu sonhei com a Fada Sol dizendo tres vezes, que quando eu sonhasse o perfume das flores se abrindo, a Terra dos Girassois, encontraria, enfim a felicidade.
- INACIO - Ora! Então é por isto que as flores não abriram! Para a felicidade aparecer nesta Terra é preciso que todos se amem e isto vai ser muito difícil.

Para construir a felicidade
muitos tijolos serão precisos
muita amizade,
muito sorriso.
Pois ninguém constroi n
Nada sozinho
Se não tem a ajuda do seu
Do seu vizinho.

Para construir a felicidade
Muitos tijolos serão precisos
Muita amizade, muito sorriso,
Pois se não existe
A união
Torna-se fraca
A construção.

Escute dona Rebeca
Isto que estou lhe falando
As flores só abrirão
quando estivermos nos amando

(Os dois dançando).

Para construir a felicidade
Muitos sorrisos serão precisos,
Muita amizade,
Muito sorriso
Pois ninguém constroi
Nada sozinho,
Se não tem a ajuda
Do seu vizinho



REBECA - (Parando bruscamente) E o remédio?

INACIO - Remédio? Que remédio?

REBECA - O remédio, Inácio! O remédio que fará o Amadeu ficar moço. Você trouxe?

INACIO - Bem... Eu... não, mas...

REBECA - Então anda, não demora! Vai logo!

INACIO - Está bem! (Rebeca, vai até ao caldeirão)

INACIO - (Para o público) Eu acho que este aí não está regulando bem. Imaginem, fazer o Amadeu ficar moço de novo! Se me contassem, eu não acreditaria! (sai).

REBECA - (Mechendo no caldeirão) Hum! Como está cheiroso, deve estar - bem gostoso! (pega o livro) Vamos ver. Vamos ver. Ah! Está aqui. Só faltam tres cogumelos e uma asa de coruja, eu acho que chega para fazer o Amadeu ficar moço novamente: (cantando)

Senhora dona Rebeca
Feiticeira sem maldade
Ao acordar de um sonho
Verá a felicidade,
Quando sentir o perfume
Das flores se abrindo
Terá a alegria
De ver todo mundo sorrindo.

(Rebeca dança. Entra Inácio correndo, largando o cesto no chão, sai dançando e cantando.)

INACIO -

Quando as rosas vestirem
seu vestido encarnado
e os passaros abrirem
seu bico encantado
vai haver uma festa
de graça e cor
então todo mundo
vai dar mais amor!

(Inácio saltita e asobia).

REBECA - (Impaciente) Inácio! (Inácio não ouve) Inácio! (Inácio ainda não ouve) Inácio! (Inácio para) Eu mandei voce à floresta!

INACIO - Eu fui, eu fui. E trouxe o que a senhora pediu.

REBECA - E por que não me deu logo, hein? me responde?



- INACIO - É que a senhora sabe como é, eu gosto muito de caçar! (ensua alguns passos.)
- REBECA - (Cortando) Chega! Chega de conversa, passa logo este cesto para cá! (Inacio entrega o cesto. Rebeca dirige-se para o caldeirão.) Hum! Era só isto que faltava!
- INACIO - (Para o público) Ih! lá vai ela de novo para o panelão!
- REBECA - O que voce está remungando aí? Venha me ajudar!
- INACIO - Já vou, já vou! (Inacio ajuda Rebeca a se preparar. Fica a seu lado segurando um velho livro. Rebeca ri como uma feiticeira. Acendem-se luzes dentro do caldeirão.)

Da lua a fina prata
Do sol as faíscas de ouro
E da coruja uma asa
para evitar maus aurores. - (As luzes piscam.
Atira a asa, esfrega as mãos, vira a página do livro.)

que o céu azul, em estrondos
Acorde o mais fundo poço
Tres cogumelos tactam
para um velho ficar moço. (Ri)

Agora sim está concluída a fórmula. Inacio, traga o Amadeu!

- INACIO - Bah! Onde está ele?
- REBECA - Não sei. Procure-o!
- INACIO - (Sem muita vontade) Amadeu! Amadeu! (Vê que alguma coisa se mexe ao lado da lata de lixo. Vai ver e constata que é o Amadeu. Vai buscar o espanador, tira o pó que estava sobre ele, sacode-o) Amadeu! Amadeu! Acorde!
- AMADEU - (Sonolento, Lu sei que não vai dar certo, eu sei!
- INACIO - O que não vai dar certo?
- AMADEU - Nada vai dar certo, ora, ora! Lu não falei? Lu sei!
- INACIO - Dona Rebeca quer falar com o senhor (para Rebeca) Ele está aqui.
- REBECA - Pois bem, prepare-o para tomar a fórmula mágica.
- INACIO - O que? A senhora vai dar este troço a ele?
- REBECA - Este troço, não, isto é uma poção mágica. Vamos, prepare-o.
- INACIO - (Para si) Coitado! (para Amadeu) Acorde para tomar o seu remedinho.
- AMADEU - Ah! Sim, o remedinho. O que?
- INACIO - O remedinho. Vamos levante-se! (Levantando-o) Isto, assim!
- AMADEU - Não vai dar certo, não vai!



REBECA - (Aproximando-se)

Voce vai tomar o remedinho,
Que dona Rebeca lhe fez.
Faça um esforço
E num minutinho
Ficarás moço outra vez.

Um remedinho
Muito especial
Com uma fórmula
Sensacional
Faça um esforço
Tome tudinho
E ficarás
Um lindo mocinho.

(Leva a colher até a boca de Amadeu. Inacio tapa os olhos, Amadeu tosse, faz cara feia e estatiza repentinamente.)

REBECA - Viu como foi fácil? (Inacio tira as mãos dos olhos. Rebeca - impaciente-se), Vamos, já estás bom! (Amadeu continua imóvel, Rebeca, nervosa) Amadeu! fale! Diga alguma coisa! (ouve-se - um gongo chinês, Amadeu estremece. Inacio sai de perto e grita)

INACIO - MADEIRAAAA! (Amadeu cai.)

REBECA - (Tenta levantar Amadeu, para Inacio) Vamos, me ajude! (os dois colocam Amadeu na posição anterior.) agora, Amadeu, levante-te devagar, lembra-te que agora és um moço (Amadeu tenta falar, os dois agarram, digo, alegram-se. ouve-se o gongo novamente, Amadeu faz menção de cair, os dois o seguram.)

REBECA - O que será que aconteceu? Ah! já sei. Inacio, segure bem ele que eu já volto. (Corre até o caldeirão traz outra colher.) - Eu acho que a dose foi pequena demais!

INACIO - (Fundo as mãos na cabeça) Não! Le novo! (Amadeu vai cair, Inacio segura-o a tempo)

REBECA - Um remedinho
É muito bom
Dois remedinhos
Muito melhor
Faça um esforço
Tome tudinho



E ficarás

Um lindo mocinho! (Rebeca abre a boca de Amadeu, Inacio acco-
cora-se no chão e tapa os ouvidos. Amadeu bebe. Silencio. Ina-
cio levanta-se e observa Rebeca também. Ouve-se barulho de
pratos, Amadeu dá um salto. Rufos de tarol. Amadeu faz pose
de toureiro. Rebeca e Inacio estão assustados. Ouve-se um
talgo. Amadeu com passos medidos, aproxima-se de Rebeca, en-
ta tenta fugir. Amadeu pega-a e a obriga a dar algumas piru-
tas. Rebeca um pouco tonta, consegue desvencilhar-se. Ele vol-
ta-se para Inacio e vai ao seu encontro.)

INACIO - (Recuando) Ei, que é isso? Comigo não violão! (Amadeu avança)
Fare, não se mecha! (Corre e esfonde-se, ouvem-se aplausos, A-
madeu agradece.)

INACIO - (Saíndo do esconderijo) Fiuuuu! quise! (Amadeu tenta agitar-
-se. Arruma os cabelos, tira o pó de seu chapéu.)

REBECA - (Saíndo do esconderijo, alegre) Deu certo! Deu certo! (Para In-
nacio) Eu não disse que ia dar certo? (Abraçam-se com Amadeu
e fazem festa) Que bom!

REBECA - (Vai a um canto do palco, faz pose) O Amadeu ficou moço.

INACIO - (Dá uma cambalhota, cai ajoelhado na outra ponta do palco, ti-
ra o chapéu) O Amadeu não morreu!

AMADEU - (Atira o chapéu para o ar, faz pose) Eu sou o Amadeu! (Os
três reúnem-se no meio do palco e começam a cantar e a dançar
o can-can.)

INACIO - (Amadeu ficou moço.

Como isto aconteceu?

Foi por causa do remédio,

que a feiticeira lhe deu.

(Inacio e Rebeca abaixam-se, batendo palmas e cantando)

INACIO E REBECA - (Amadeu pula por sobre os dois)

Pula, pula, pula

o mocinho Amadeu! -(Formam roda)

Roda, roda, roda,

como isto aconteceu?

Amadeu que era velho,

ficou moço como eu. - (Desfazem a roda, voltam ao can-can).

INACIO - O Amadeu ficou moço,

Como isto aconteceu?

Foi por causa do remédio

Que a feiticeira lhe deu! --(Amadeu detesta-se e começa a dançar sozinho, enquanto Rebeca e Inácio cantam, batem palmas, e dançam no mesmo lugar).

INACIO E REBECA - Dança, dança, dança,
O mocinho Amadeu!
Canta, canta, canta,
Mas que bixo o mordeu?
Se ele está assim dançando
É sinal que não morreu!

INACIO - (Para o público) Vamos, cantem junto!

TODOS JUNTOS - O Amadeu ficou roco
Como isto aconteceu?
BIS Foi por causa do remédio;
Que a feiticeira lhe deu!

(Ao fim do bis, a segunda estrofe, e cantam mais lentamente, para preterer o agudo final. Quando todos fazem pose juntos. Inácio estende o agudo mais que os outros, Rebeca cutuca-lhe, ele encobula.)

REBECA - (Desmanchando a pose) Bem, bem! gora vamos preparar-nos pois temos muita coisa para fazer. (Vai buscar uma toalha para Inácio que tombe já havia desmanchado. Inácio pega a tesoura para cortar a barba de Amadeu. Inácio vai, acha a tesoura quando chega perto de Amadeu vê que ele ainda conserva a mesma posição anterior.)

INACIO - (Constatando a rigidez de Amadeu) Ah Não é possível!

REBECA - (Voltando com a toalha, assusta-se. Para Inácio (que foi?) lhe para Amadeu assusta-se mais ainda) Amadeu! Amadeu! O que foi que houve? (Amadeu permanece imóvel. Rebeca estira a mão na frente dos seus olhos; ele nem pisca.) Deus do céu! Amadeu estremece. Inácio sai ligeiro de perto. Amadeu dá tres-passos como se fosse um autômato e cai duro.)

REBECA - (cuidando Amadeu) O que foi que houve, Amadeu ele, pode falar, eu não vou ficar bravo com você. Mas Inácio você? Não fique ali parado, mexa-se

INACIO - Está certo, está certo! (Mexe-se como se fosse marionete).

REBECA - Braba) Eu não disse para se mexer assim, seu mal educado. Eu disse...

(Entram o Doutor e dona Fulgencia, ao mesmo tempo, um de cada lado.)



DOUTOR E FULGENCIA - (Com indignação) Não! Não pode ser! (Inácio e Rebeca, seustam-se.)

FULGENCIA - Deus do céu! (Aproximam-se, dona Fulgencia e o Doutor) Olhe Doutor, veja como estou horrível! Metade branca e a outra metade preta!

DOUTOR - E eu, olhe bem o meu cabelo! Está azul! Azul!

INACIO - Como eles ficaram amigos depressa?

DOUTOR E FULGENCIA - (Olhando-se e após, para Rebeca) Foi ela!

REBECA - Eu?

FULGENCIA - Foi voce, sim! Imagine se a comadre Eulália me visse neste estado, oh!

DOUTOR - Foi voce, sim! Aquela remedinho que voce me deu, dizendo que era muito bom para o corsção.

FULGENCIA - Deu para mim tambem e olhe como eu fiquei! Isto não pode ficar assim!

DOUTOR - Exato! Temos que tomar uma atitude!

FULGENCIA - Isto é caso de prisão!

REBECA - Oh! Não! Por favor!

DOUTOR - Isto é um trabalho para o Super Paladino.

FULGENCIA - Então nós devemos chama-lo!

DOUTOR - Quando a ordem e a justiça estão em jogo, só ele pode resolver. (Chama) Super Paladinoóóó! Super Paladinoóóó! (Ouve-se um grito estridente e aparece o Super Paladino sobre uma corda. É um híbrido de Super Homem, com Mocinho de Far West. Usa óculos com aros de tartaruga. Cai, desastrosamente da corda)

S. PALADINO - Quem chamou o Super Paladino?

DOUTOR E FULGENCIA - Nós!

S. PALADINO - Onde estão os bandidos? Ninguém se mecha, fechem todas as portas. Agora confessem.

FULGENCIA - (Com medo) Mas não somos nós, ela é quem tem que confessar.

S. PALADINO - (Solta seu grito de guerra) (precipita-se sobre Inácio, agarra-o)

INACIO - Me larga, me larga!

S. PALADINO - Agora confesse!

INACIO - O que?

S. PALADINO - Ora, não se faça de santinho. Confesse qualquer coisa.

DOUTOR - Seu Super Paladino, o sr. se enganou. Eu disse "ela" e não "ele". O senhor prendeu um homem.

S. PALADINO - Ah! Então ela é uma mulher (olha para dona Fulgencia) Uma mulher?(Para dona Fulgencia) Não se mova, voce está presa!(A-



garra- Para o Doutor) - Aqui está ela!

FULGENCIA - Me largue, não sou eu!

DOU TOR - Senhor S. Paladino, o senhor se enganou de novo, não é esta aí. (Solta Dona Fulgencia) Nós queremos que o senhor prenda a feiticeira, porque ela fez a dona Fulgencia ficar branca e preta e o seu cabelo ficar azul.

S. PALADINO - (Rindo) Cabelo azul! (Vê que todos o observam. Para de rir. Recompõe-se) Afinal, quem é esta feiticeira?

REBECA - Sou eu.

FULGENCIA - Sim, é ela, prenda S. Paladino!

S. PALADINO - Você está presa em nome da lei, da ordem e da justiça. (Vai prendê-la. Inácio põe o seu pé na frente, o S. Paladino tropeça, cai e perde os óculos.) Onde estão os meus óculos, onde estão? Acendam a luz. (Aproxima-se de Amadeu, apalpa-lhe a cabeça) Santo Deus, a minha cabeça está também!

DOU TOR - Não é sua cabeça, é um homem caído apenas. (S. Paladino tem um alívio) Um homem caído?

REBECA - Não se preocupe Doutor, é apenas um amigo.

FULGENCIA - O que é que ele tem? Parece estar doente.

AMADEU - Ai! Ai! que dor de cabeça!

DOU TOR - Você está sentindo alguma coisa?

AMADEU - Ai!

DOU TOR - Ponha a língua para fora. Agora diga 33.

AMADEU - 33. Ai!

FULGENCIA - Se não falasse diria que estava morto!

AMADEU - Eu disse que não ia dar certo...

DOU TOR - O que?

AMADEU - O remédio.

FULGENCIA - Ah! Então tem outra vítima, e comadre Aurora não vai acreditar.

DOU TOR - Então você deu remédio para ele também?

INACIO - E como!

FULGENCIA - Você não se envergonha de ficar dando estes venenos para os outros?

REBECA - Não são venenos. São remédios, e muito bons!

DOU TOR - Bons? Eu tenho certeza que a senhora não tomaria um remédio assim.

REBECA - Claro que tomaria!

FULGENCIA - Tomaria, é? Pois quero ver!

REBECA - Muito bem! Eu vou mostrar para vocês. (Dirige-se ao caldeirão, apanha a colher e bebe). Viram? Não me aconteceu nada. Até estou começando a me sentir melhor. (Que remédio... Oh! (Cai nos braços do Doutor, Inácio e Fulgencia agendam.)



- INACIO - Dona Rebeca! Acorde! Acorde! O que ela tem doutor?
- DOCTOR - Bom... Ela está com ... vejamos... (Fulgencia cortando)
- FULGENCIA - Ah! como ela está fria! Esta parece-se com a comadre Eugénia... quando... quando... (Chora entredentemente) Coitadinha, era uma feiticeira tão boa! E agora o que será de nós?
- DOU TOR - Ora, ora, dona Fulgencia, pare de chorar! Os seus remédios não são bons, mas também não são tão ruins assim.
- INACIO - Quer dizer que ela vai ficar boa logo?
- DOU TOR - Claro!
- INACIO - Que bom! Que bom!
- FULGENCIA - Tudo voltará ao normal.
- AMADEU - Normal? Quer dizer que eu vou ter que tomar tudo de novo? Não!
- DOU TOR - É verdade, isto não pode ficar assim!
- FULGENCIA - Temos que fazer alguma coisa. O Sr. Paladino tem que prendê-la.
- PALADINO - Sim, senhora! (Da o seu grito de guerra e agarra o Doutor.)
- DOU TOR - Pare, pare! Me solte!
- INACIO - Parem com isso! Não adianta prendê-la.
- FULGENCIA - Mas eu exijo uma solução! Isto tem que acabar, ela não pode continuar inventando estes remédios! Ah! se a comadre Eugénia ainda estivesse viva...
- INACIO - Não adianta ficar falando, nós temos que pensar.
- DOU TOR - Muito bem dito. Pensemos. (Todos se põem a pensar.)
- FULGENCIA - (Resmungando) Hum! pensar! Como se fosse possível! Eu queria ver se fosse com eles. Branca e preta! Ah! Se a comadre Inocência soubesse, eu nem sei que...
- INACIO
- DOCTOR - Páiu! Pare de falar! Silêncio!
- PALADINO
- INACIO - TIVE UMA IDÉIA! (De um pulo, todos se a proximam.) Isto mesmo!
- DOCTOR - Fale logo, vamos!
- INACIO - Páiu! (Certifica-se de que ninguém o escute, os outros o seguem.) Já sei!



EU TIVE UMA IDÉIA
UMA IDÉIA LEGAL,
VAI SER UM BRINQUEDO,
SENSACIONAL!
ELA TERÁ QUE APRENDER
AS COISAS A QUALQUER CUSTO
POIS VAMOS LHE DAR
APENAS UM SUSTO.

----- 000 -----

TODOS - Susto?
INAGIO - Sim, um susto!

----- 000 -----

IMAGINEM SÓ UMA FEITICEIRA
QUE TODAS AS COISA QUEM NÉDAR
TEMOS QUE ENCONTRAR UMA MANEIRA
PARA ESTA FEITICEIRA MELHORAR!

DOUTOR - Então vamos prendê-la!

INACIO - Isto não, doutor, isto é errado!
É não é um bom jeito de tratar!
Ela errou, está certo, está provado,
Resta-nos, então, lhe ajudar!

FULGENCIA - Ajudar? Como?

AMADEU - Mas será que ela vai mesmo se modificar?

INACIO - Ora, é bem simples! Nós vamos mandá-la para o céu!

FULGENCIA - Céu? Coitadinha! Mas pelo menos poderá ficar ao lado da co-
madre Eudocia! Eu até vou lhe mandar um bilhetinho!

AMADEU - Isto, quanto mais longe melhor!

DOUTOR - Oh! Não! Isto é demais!

AMADEU - Mas é uma solução. Pense bem Doutor, ela não daria remédios
a mais ninguém!

FALADINO - Mas existe prisão no céu?

FULGENCIA - Eu tenho certeza que que elas se dariam tão bem porque a
comadre...

INACIO - Não, vocês não entenderam. É apenas uma brincadeira. Ela i-
rá para o céu de mentirinha!

DOUTOR - E como nós faremos isto?

INACIO - Simples, transformaremos este lugar no céu, faremos um julga-
mento, e pediremos que ela deixe de inventar as suas poções
mágicas.

AMADEU - Isto não dará certo, eu sei!

FALADINO - É.

FULGENCIA - Não cuata tentar.

INACIO - Então, como é? Vocês aceitam?

FULGENCIA E FALADINO - Sim!

DOUTOR - Eu aceito!

AMADEU - Está certo. Eu aceito!

INACIO - Então vamos ao trabalho. Vamos sair e procurar coisas para fa-
zermos a transformação. (Saem todos. Fecha o pano).



QUADRO II

Aparece Inacio vestido de Anjo.

INACIO - Estou bonito? Não estou parecendo um anjo de verdade? Cihem, eu tenho até azinhas! „divinham quem será Deus? (Dialoga com o público, induzindo-os a apontar Amadeu, por ser o mais velho e usar barbas.) E os Anjos da Acusação e da Defesa? Quem voces acham que serão? (Paz com o público aponte Dona Fulgência para ser o Anjo da Defesa, por ser mulher e porque as mulheres se entendem melhor. E o Doutor, para ser o da Acusação, por ser médico e „pr saber que os remedios de Rebeca não são bons.) Falta apenas o Diabo, e tambem, só sobrou uma pessoa, o Super-Taladino. Que nós resolvemos, fosse o Diabo, porque era mais facil e ele não teria jeito de se atrapalhar. Eu fui escolhido para ser o maestro do coro dos anjinhos, por que eu não quero me intrometer, eles tem que aprender sozinhos, não acham? E além do mais, a dona Rebeca poderia desconfiar se não houvesse coro de anjinhos para acordá-la. Vocer me ajuda? Então vamos ensaiar. Nós temos que cantar uma musiquinha para que ela acorde e sinta que está no céu. A musiquinha é esta:

Acora, menina acorda,
Deste teu sonho sem cores,
O vento tece cantigas,
Com o perfume das flores.

Vamos cantar bem suavzinho, tá? (Luzia com as crianças.)
Está ótimo, agora vamos ao céu!

(Abre o „elo)

QUADRO III

(Abre o „ano, anjo da defesa e o da acusação, um em cada extremo, sobre praticáveis. Ao centro, Deus num praticavel mais alto, abaixo, o caldeirão. Mais a frente, Rebeca, deitada sobre um praticavel.)

INACIO - Está bom!(Ve o caldeirão.) Mas onde está o Diabo?(Deus aponta para tras do seu praticavel, Inacio verifica.) Mas o que



- estás fazendo aí? Ora, não precisas ter vergonha, venhas logo, antes que ela acorde! (O Diabo sai de tras da cadeira, timidamente, de óculos. Todos riem.) Silencio, vão acordar dona Rebeca! Agora o coro dos Anjinhos vai acordá-la. (Para o público) Então, vamos nós! (Rege os anjinhos. Rebeca se mexe) Psiuu! Vão ficar bem quietinhos para que ela não nos veja!
- REBECA - (Levantando-se) Ai! O que aconteceu comigo? Onde estou?
- DEUS - Pare com isso! Você está no céu.
- REBECA - No céu? Mas o que estou fazendo no céu?
- DEUS - Nós trouxemos voce para cá, porque soubemos que anda inventando uns remedios muito ruins.
- REBECA - Não são remedios ruins, seu Deus!
- ANJO DA ACUS. - São, sim! Muito ruins!
- ANJO DA DEF. - (Para a acusação) É porque o senhor não tomou o remedio que a comadre tu... Ahm! que muitas pessoas tomam!
- DEUS - Los estes remedios pelo menos curam, eos seus não.
- ANJO DA ACUS. - São ruins!
- DIABO - É verdade!
- REBECA - O que que é isto?
- ANJO DA DEF. - Não se assuste minha filha, isto aí é o Diabo.
- REBECA - O Diabo? É o que é que ele está fazendo no céu?
- DIABO - Eu não sei... se a senhora quiser eu vou embora... eu não queria mesmo entrar nesta brincadeira...
- ANJO DA ACUS. - (Cortando) Ele está aqui, porque nós o convidamos. Porque isto é um julgamento, e conforme for, voce poderá parar naquele caldeirão!
- REBECA - Eu não quero parar naquele caldeirão, não! Eu quero é voltar para a terra!
- ANJO DA DEF. - Não se preocupe, eu vou dar um jeito.
- REBECA - Que jeito?
- DEUS - Você poderá voltar para a terra.
- REBECA - Poderá? Que bom!
- ANJO DA DEF. - Poderá sim, minha filhinha!
- ANJO DA ACUS. - (Cortando) É, mas antes terá que nos prometer que não irá mais querer inventar aqueles venenos.
- REBECA - Mas eu já disse que não são venenos!
- DIABO - São, sim! (Todos olham, silencio.) Bem... quero dizer...
- ANJO DA ACUS. - Você viu o que aconteceu aos que tomaram seus remedios? O pior de tudo é que voce ainda mentiu ao doutor e à dona -



Fulgencia dizendo que era remédio para o coração.

REBECA - Eu não menti! Seria um bom remédio para o coração, se tivesse dado certo!

DEUS - Mas não deu!

ANJO DA DEF. - Você não devia ter feito isto!

REBECA - Eu fiz isto, porque eu morei num lugar onde ninguém sorria, onde as pessoas não são amigas umas das outras! Eu tinha que fazer uma boa ação, para ser fada, mas ninguém deixava. Então eu comecei a inventar poções mágicas, poderia ter dado certo. O Doutor, por exemplo, era um homem muito carrancudo. Eu dei um remédio para fazê-lo sorrir, porque se ele sorrisse, ficaria mais bonito.

ANJO DA ACUS. - Você acha?

REBECA - Acho. Para dona Fulgencia eu dei um remédio para ela deixar de ser falaceira. Eu achava que ela deveria ocupar seu tempo melhor, ao invés de andar se metendo com a vida dos outros. Ela poderia cuidar de seu jardim, tentar ter amigos. Assim, todos gostariam dela e do Doutor! (Anjo da Defesa tosse.)

DEUS - Bom, chega de conversa! Vamos...

REBECA - Deixe eu terminar, por favor! Falta mais um, o Anadeu...

DEUS - Outro dia você conta.

REBECA - Oh! Só mais um pouquinho. O Anadeu vivia reclamando. Para ele, nada servia, nada é certo. Ele sabe tudo. Não faz nada, só dorme. E quando se faz alguma coisa, ele é o primeiro a botar defeito. Eu achei que era porque ele estava bem velho. Então resolvi fazer-lo ficar moço.

DIABO - E não deu certo de novo?

REBECA - É.

DEUS - E você pretende continuar inventando remédios?

REBECA - Sim, até que dê certo!

ANJO DA ACUS. - Mas você não pode continuar querendo mudar as pessoas!

DEUS - É, e nós não deixaremos você voltar, enquanto não resolver deixar de querer mudar as pessoas.

REBECA - Mas as pessoas precisam mudar, para que possamos viver felizes!

ANJO DA DEF. - Mas não haveria uma maneira melhor?

REBECA - Claro! Se todos ajudassem, seria mais fácil!

DEUS - Vamos parar de conversa! Você está ou não, disposta a mudar?

REBECA - Eu posso fazer uma pergunta, para vocês?



TODOS - Pode!

DEUS - Mãe ande logo!

REBECA - Vocês estão me julgando porque eu quero modificar os outros, não é? Vocês querem que eu mude, então vocês querem me modificar, também!

DEUS - Mas a sua mudança será boa para todos!

REBECA - E a mudança de todos, não será melhor?

ANJO DA ACUS. - Mãe isto é difícil!..

REBECA - É, mas nós temos que tentar.

ANJO DA DEF. - Seria tão bom!

DIABO - É verdade!

DEUS - Mãe não vai dar certo!

REBECA - Dará, se é o que queremos! Então, posso voltar para a terra? Posso?

ANJO DA DEF. - Eu acho que pode.

ANJO DA ACUS. - Por mim pode.

DIABO - Por mim, também.

DEUS - Está certo, está certo. Deite-se de novo lá. (aponta para o praticável) Diabo, a-lhe aquele remédio, para ela voltar.

(O Diabo pega a colher e dá. Rebeca dorme.)

(Fecha o pano).



QUADRO IV

(O cenário é o mesmo da primeira quadro, acrescentado de girassóis gigantes, além dos atores que estarão vestidos de girassóis. Rebeca está deitada no chão. Música, os girassóis dançam. Rebeca geme. Os girassóis passam de dançar bruscamente e aproximam-se. Riem. Rufos de tarola, entra o Girassol Mensageiro, os outros aproximam-se.

GIRASSOL MENSAGEIRO - O Sol, Astro Rei deste Universo, senhor da luz - que ilumina as casas e as terras de trabalho, que são de todos! (TAROLA) Senhor do calor que acorda as flores e aquece as cirandas, avisa que: --"A partir de hoje os pássaros voltarão a cantar e as flores voltarão a perfumar a -- "TERRA DOS GIRASSÓIS", porque não há nada que resista à união e à amizade. E já que nesta terra todos deixaram de brigar e são amigos, o que é muito difícil nos dias de hoje, eu darei mais luz! (TAROLA. Mais Luz).

GIRASSÓIS -- (Fazendo festa) Oba!

GIRASSOL MENSAGEIRO - E para terminar estas mal traçadas linhas, lembro que: não é apenas nas brincadeiras de rodas e nas festas que todos devem dar as mãos. Nos trabalhos também. Se os três Porquinhos soubessem disto, não precisariam ter medo do lobo mau. Agora vamos todos à festa! Falei e disse! SOL!

GIRASSÓIS -- (Contentes) EEEHHH!!! (Música. Dançam. Rebeca geme. Aproximam-se, ríem.)

REBECA -- Ai! Estou tonta. (Os girassóis ríem e saem.) EIH! Quem são vocês? Voltem aqui! (Os girassóis desaparecem) OH!!! (Ainda tonta, senta-se. Olha para os lados, sente medo.)

Os girassóis não foram embora
E meus amigos onde estão?
Estou tão só e tenho medo,
Como é triste a solidão!

Se eles estivessem aqui,
Eu contaria o que aconteceu,
Mas que é que acreditaria,
Que eu tenha ido pro céu?



Os girassóis foram embora
Estou tão só e com medo?
Onde estarão todos agora?
A quem vou contar meu segredo?

(CHAMA)

Inácio! Doutor!

Dona Fulgência! Amadeu!

Onde estão todos agora?

O que foi que aconteceu?(OLHA PARA OS LADOS, CHAMA NOVAMENTE.)

Inácio! Doutor!

Dona Fulgência! Amadeu... (DESANIMA-SE)

Está tudo tão deserto.

Eles também foram embora (MEXE NUMA FLOR)

Restam-me as flores é certo.

Mas onde estão todos agora? (CHEIRA A FLOR) (SURPREENDE-SE.
OLHA PARA OS LADOS) FLORES! FLORES! FLORES! FLORES! (DANÇA)

Todas as flores se abriram

Meu sonho fez-se realidade

Venham todos, meus amigos

Pra esta terra de verdade! (Entram todos, dançam
de cambalhotas e fazendo festa)

Inácio, Doutor, Amadeu, Fulgência.-(TODOS):

Numa terra de verdade,

Imaginem que alegria,

As flores dormem à noite

E acordam com o dia.

Numa terra de verdade

Todos são tão bons amigos,

Pois existindo a amizade,

Ninguém teme o perigo!

INACIO .. Imaginem que alegria
Todos juntos e sem briga



Todos brincando contentes
Livres de qualquer intriga!

- AMADEU -- Eu não serei mais ranzinza
Pois sei que não está direito.
Sorrirei como um menino,
E farei tudo bem feito!
- DOUTOR -- Não brigarei com a Fulgencia
- FULGENCIA -- E nem eu com o Doutor
- DOUTOR -- Seremos todos amigos
- FULGENCIA -- Seja lá para o que for. (DANÇA!)
- REBECA -- (Parando bruscamente) Esperem aí, está faltando alguém nes-
ta festa.
- FULGENCIA -- QUEM???
- INACIO -- Ora, O Super Paladino!
- DOUTOR -- Então vamos chamá-lo!
- REBECA -- VAMOS! !
- TODOS -- Super Paladino! Super Paladino! (Ouve-se o grito de guerra
do Super Paladino. Assustam-se. Ouve-se outro grito e apa-
rece o Super Paladino sobre o cipó. Todos correm com medo
de chocar-se)
- SUPER PALAD- Socorro! Socorro! (Todos vão ajudá-lo, seguram-no e caem.
Reim. O Super Paladino ainda conserva os chifres do diabo)
- REBECA -- Ehi! Este aí não é o Super Paladino, é o diabo! Vá embora!
(O Super Paladino fica sem jeito, tira os chifres e os es-
conde. Todos reim.)
- INACIO -- Ora, Dona Rebeca,
Não é preciso ter medo,
Não era o céu de verdade,
Era um céu de brinquedo!
- REBECA -- Como vocês são malvados
Me dar um tremendo susto
Pois brincar desta maneira
Não está certo, não é justo!
- FULGENCIA -- Mas foi tão bom para nós!
- AMADEU -- Aprendemos tanto, tanto!
- DOUTOR -- O quanto estávamos errados!

- FULGENCIA -- Oh! Só Deus sabe o quanto
INACIO -- Mas deixemos isto prá lá,
A festa não estraguemos,
O que passou não importa,
O que importa é o que aprendemos.
- AMADEU -- E você "seu" Paladino
Está tão triste, porque?
- FULGENCIA -- Venha dançar conosco,
Pras tristezas esquecer!
- S.PALADINO -- Bateu bom triste é verdade,
Pois eu vou ter que partir,
Aqui só existe a amizade,
Como poderei agir?
- FULGENCIA -- O que você tem a fazer
É deixar de ler gibí,
e de querer ser mocinho
você não é mais guri!
- REBECA -- Nós todos já aprendemos,
Que não adianta forçar
A fazer o que não queremos,
Que as coisas só se resolvem,
Quando das coisas sabemos.
- DOCTOR -- Ora, fique conosco!
Nos ajude a construir
Uma vida mais bacana
E não penses em partir!
- S.PALADINO -- Vocês acham que eu consigo?
- AMADEU -- Consegues, sim, podes crer!
- FULGENCIA -- Basta só ser nosso amigo
- DOCTOR -- E feliz você vai ser!
- REBECA -- (Abrindo a lata de lixo)
Agora ponha depressa,
Teus revólveres aqui,
Pois quem brinca com estas armas,
Em sua cama faz pipi!(Super Paladino coloca os revólve-
res no lixo, todos riem contentes, batem palmas.)
- DOCTOR -- Agora vamos à festa!



- TODOS -- VAMOS!!
- REBECA -- Ué! Onde está o Inacio?
- FULGENCIA -- Onde já se meteu este safadinho?
- AMADEU -- (Chamando) Inacio! Anda logo, vai começar a festa (Harpejos) (Inacio está sobre uma elevação. É A Fada Sol.)
- TODOS -- FADA SOL! !
- FADA -- Sim, eu sou a Fada Sol! Estava apenas fantasiada de Inacio, pra ver se conseguia ajudar vocês a trazerem a mais tranquilidade à esta terra. Vocês conseguiram. E agora eu posso ir embora descansada. Mas antes de ir, eu vou devolver a cor do cabelo de Doutor e dar a Dona Fulgencia uma cor só. E a Rebeca, vou transformar numa fada. (A Fada Sol levanta a varinha de condão) Um...Dois...e...
- DOCTOR --(Bruscanote) Não! (A Fada péra) Desculpe...é que...eu sou melhor, nós, resolvemos que estamos bem assim, (Para Fulgencia) não é?
- FULGENCIA -- É verdade, sabe? É bonito ver as pessoas gostarem da gente de qualquer jeito.
- DOCTOR -- A cor do cabelo, da pele, não interessam. Todos nós somos iguais, temos o coração da mesma cor.
- REBECA -- Isto mesmo. Nós não nos importamos com a cor dos cabelos e da pele, achamos até bonito. (Para Amadeu e S. Paladino) Não é?
- S. PAL./AMAD.--É sim!
- REBECA --Outra coisa, dona Fada. Eu resolvi que não quero mais ser uma fada. A gente não precisa ser fada para fazer coisas boas.
- FADA -- Muito bem! Vejo que vocês aprenderam bastante. Então, eu já vou embora. Adeus!
- AMADEU -- Espere...eu queria agradecer, por eu ter conseguido sorrir, é tão bom sorrir....
- S. PALADINO-- É sim! Sorrir, cantar... para que os outros sorrissem e cantem, também. Dona Fada...a senhora... não quer cantar na nossa festa?
- TODOS -- Óba! Isso!
- FADA -- (Contente) Mas claro! (Música. A Fada aproxima-se dos outros dançando)

Para construir a felicidade
Muitos tijolos serão preciso
Muita amizade,
Muito sorriso!

Pois ninguém constrói
Nada sozinho
Se não tem a ajuda
Do seu vizinho.

Para construir a felicidade
Muitos tijolos serão preciso
Muita amizade,
Muito sorriso!

Pois se não existo
A união
Torna-se fraca
A construção.

Cantem todos, amiguinhos,
Conosco esta canção,
Pois se cantarmos bem alto,
Na certa nos ouvirão.

Para construir a felicidade
Muitos tijolos serão preciso
Muita amizade
Muito sorriso

Pois não se constrói
Nada sozinho....